

A escola que queremos

ARNALDO NISKIER

A escola que temos, hoje, deixa muito a desejar. Estamos longe de uma qualidade sequer razoável, fruto de equívocos que atrangem não somente a escola pública como também a particular. Não se pode desejar um modelo harmonioso, de características muito definidas, se temos um país tão diversificado. Seria uma aberração supor que se tenha uma escola "x" no interior do Rio Grande do Sul e a repetição desse modelo, por exemplo, num estabelecimento de ensino no interior do Ceará. Tudo é diferente, desde a parte física da escola, até os recursos humanos de que se dispõe. Os professores são preparados a seu modo, demonstrando incríveis carências. Como ficar com uma lei igualitária, abrangendo todos os Estados, se as diferenças são monumentais? As escolas têm que ser diferentes.

Depois de uma consulta a todos os Estados, o Ministério da Educação definiu "A Escola que Temos": elitista, vazia, controlada, discriminatória, insegura, desvalorizada, fechada ao diálogo, autoritária, vítima da interferência político-partidária e indefinida.

Em função dessas restrições, chegou-se à conclusão de que todos ficariam muito felizes se a escola voltasse a ensinar bem a ler, escrever e contar, com a consagração da tabuada e de métodos simples de alfabetização. No caso da elitização, em parte isso ocorre por causa do material didático posto à disposição dos alunos. Os livros expressam realidades distintas, mostrando certos ambientes mais sofisticados, com palavras e frases da classe média, quando a população majoritária se situa nas categorias sociais C e D.

Registre-se também a interferência político-partidária, que é muito grande na indicação de diretores. As vezes, a troca se faz em função de eleições, para agradar a este ou aquele partido que sala vitorioso no pleito. Como os diretores são muito influentes e podem aconselhar na votação, sobretudo para esclarecer eleitores pouco preparados, criou-se a mística dessa participação político-partidária, gerando uma quebra de continuidade prejudicial.

Se esta é a escola que temos, há uma consciência da "Escola que Queremos": participativa, crítica, integrada à realidade, sem interferência político-partidária, democrática, moralizada, com recursos, preocupada com o desenvolvimento sócio-político e cultural do aluno, com classé de alfabetização sem turno intermediário, digna e competente.

Não se pode supor uma escola isolada, castradora, sem estar solidamente integrada ao meio ambiente. Ela será democrática se levar esses elementos na devida conta. E deseja-se também que permita aos seus alunos uma permanência de muitas horas, somando as aulas ligadas às matérias obrigatórias com as atividades indispensáveis e igualmente previstas em lei.

Cabe ainda uma palavra sobre as classes de alfabetização. Os métodos empregados não têm sido muito eficazes, daí a precariedade dos primeiros momentos de aprendizagem. Isso é fatal, pois o mau começo pode ser a causa da desistência logo depois. A evasão maciça não pode estar ligada a esse fator?